

ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Keline Rodrigues da Silva
Andréia da Silva Rocha
Silene Cerdeira Silvino da Silva

Universidade Estadual do Ceará - keline.rodrigues@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará - andrea.rocha@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará - silenesilvino@gmail.com

RESUMO: Este trabalho de pesquisa é resultado de uma reflexão das discussões teóricas desenvolvidas no decorrer da disciplina de Literatura Infantil ofertada como optativa, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ao longo da disciplina tratamos dos conceitos e dispositivos da literatura em todos os âmbitos do desenvolvimento da formação humana e estética da criança ao adulto, da mesma maneira que no despertar do senso crítico sobre o ensino desta temática na educação básica. O objetivo deste texto é analisar a relevância dos processos históricos e formativos que envolvem as possíveis origens dos contos de fadas, bem como a importância da literatura infantil para o desenvolvimento humano. Para tanto, realizamos uma abordagem de cunho qualitativo, e por tratar-se de um estudo inicial sobre a temática, nos apoiamos na pesquisa bibliográfica. Utilizamos como técnica de coleta de dados a observação e registro, buscando identificar a significância das modificações dos contos de fadas ao longo dos anos. O lócus da pesquisa foi em uma sala de aula na universidade, no ano de 2017, porém no semestre de 2016.2, na turma da manhã que continha aproximadamente 40 licenciandos. A fundamentação teórica deste estudo consiste em autores como Ariès (1981), Azevedo (2001), Cademartori (2010), Sisto (2007) e Abramovich (1983; 1997), dentre outros. Por fim, concluímos que a literatura infantil é de suma importância para o desenvolvimento dos indivíduos, no entanto devemos ter a compreensão de que as narrativas literárias, sejam elas orais ou escritas, são produtos da cultura humana e formam sujeitos.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Contos de Fadas, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de uma reflexão das discussões teóricas desenvolvidas no decorrer da disciplina de Literatura Infantil ofertada como optativa, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ao longo da disciplina tratamos dos conceitos e dispositivos da literatura em todos os âmbitos do desenvolvimento da formação humana e estética da criança ao adulto, bem como no despertar o senso crítico sobre o ensino desta temática na educação básica.

Diante dos textos estudados na disciplina, evidencia-se aqui o conceito de literatura infantil sob a ótica de três autores, Azevedo, (2001); Cademartori, (2010); Sisto, (2007), a literatura infantil é um gênero literário que só foi considerado como literatura infantil a partir do século XVII, pois segundo a visão de vários

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

estudiosos dessa temática, antes desse período não existia propriamente uma infância no sentido que conhecemos. Em virtude disso, a literatura infantil já passou ao longo dos anos por várias adaptações por conta da sua subjetividade, podendo destinar-se tanto ao público infantil quanto aos adultos, e neste sentido, torna-se rica, complexa e humana.

Ao entender esses fundamentos, percebemos que ao longo da nossa trajetória como estudantes da Educação Básica, o conto foi o gênero narrativo mais evidenciado e na maioria das vezes, o único utilizado como fonte de compreensão sobre o que era destinado a literatura infantil, inclusive nas nossas produções de textos, sempre eram estas narrativas e suas características, que predominavam.

Tendo esta visão a partir dos estudos teóricos da disciplina, emergiu no grupo de licenciados desta turma de Literatura Infantil da UECE, semestre 2016.2, a problemática de aprofundar a temática direcionada aos contos tradicionais. Alguns questionamentos se faziam presentes na turma, quando nos aprofundávamos nas discussões: qual a origem dos contos tradicionais? Por que os contos tradicionais foram modificados ao longo da história? Diante destes questionamentos, este estudo tem como objetivo analisar a relevância dos processos históricos e formativos que envolvem as possíveis origens dos contos de fadas, bem como a importância da literatura infantil para o desenvolvimento humano.

Para responder os questionamentos e conseguir alcançar os objetivos almejados, era necessário conhecer a história dos contos tradicionais, assim utilizamos a pesquisa bibliográfica neste momento inicial do estudo sobre a temática e posteriormente, cada licenciando que cursava a disciplina de Literatura Infantil na UECE, ficou responsável pela busca da origem de um conto tradicional, aprofundando em várias fontes.

CONSTRUÇÃO DO PROCESSO HISTÓRICO DO UNIVERSO INFANTIL E DOS CONTOS TRADICIONAIS.

O autor Phillipe Ariès, em uma de suas obras mais conhecidas e famosas, o livro “História Social da Criança e da Família” aponta caminhos norteadores sobre a inexistência do sentido de infância até meados do fim da idade média. Segundo Arriès (1981), nesse período a criança era vista como um ser substituível e um dos principais motivos era o alto índice de mortalidade infantil. Então, logo as crianças eram inseridas na vida adulta e realizavam atividades perante a coletividade, desse modo tornando-se úteis para a economia familiar, ou seja, durante muito tempo elas não foram

vistas como ser em constante processo de desenvolvimento e com características específicas suas, mas sim como adultos em miniatura.

Nesse ponto de vista, para a família ainda não existia o sentido de infância, portanto não existia a construção de laços afetivos de amor. Para Arriès (1981), por um longo tempo o sentimento de afetividade não foi concebido, ou mesmo, não chegou a existir na tenra idade da criança. Seguindo essa lógica, Azevedo (2001) observa que nesse período não havia livros, nem histórias voltadas especificamente para o universo das crianças, logo não haveria nada que fosse denominado de literatura infantil.

O conceito de infância foi constituindo-se historicamente, surgindo apenas no século XVII com as transformações decorrentes do processo de transição para a sociedade moderna. Nessa mesma perspectiva de raciocínio, acompanha-se a mudança social, política, cultural, que foram e são essenciais para constituição do sentido de infância. Para Arriès (1981) o sentimento de infância surgiu a partir da preocupação de membros religiosos sobre o respeito que se deveria dar às crianças, nesse sentido os educadores começaram a se preocupar com as linguagens utilizadas em livros. De acordo com Azevedo (2001), as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a contar desse período, direcionados exclusivamente para crianças, porém com objetivo pedagógico, usados como ferramenta de apoio ao ensino.

Diante desses pressupostos, é possível também verificar a evolução da forma de contar e escrever contos tradicionais, principalmente por eles fazerem parte do universo infantil. No entanto, nem sempre os contos ou histórias verbalizadas fizeram essa delimitação do universo das crianças para o universo dos adultos, pois como são considerados clássicos da literatura mundial, os contos têm origem em tempos remotos, nos quais as crianças participavam ativamente da vida adulta ouvindo temas sobre sexualidade, morte, a luta pela sobrevivência, a transgressão das regras sociais, as comemorações e tudo isso era vivenciado pela comunidade, pelo coletivo, independente das faixas etárias (AZEVEDO, 2001).

Segundo Cademartori (2010), a primeira coletânea de contos infantis tem origem na França, no século XVII, organizada por Charles Perrault através da coleta de contos e lendas da Idade Média. Perrault, os adaptou e assim constituíram-se os contos de fadas, tornando-se a literatura infantil um gênero literário. Dentre obras deste escritor estão, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida no Bosque, O Pequeno Polegar e Barba Azul.

Por outro lado, foi somente no século XIX, na Alemanha, com a coleta de contos populares, realizada pelos irmãos Grimm que a literatura infantil se difundiu amplamente. Os irmãos formaram a coletânea que reuniu contos como

A Bela Adormecida, Branca de Neves e os Sete Anões, A Gata Borracheira e Ganso de Ouro, dentre outros clássicos da literatura infantil (CADEMARTORI, 2010). Já escritores como o dinamarquês Christian Andersen, o italiano Collodi, o inglês Lewis Carroll, o americano Frank Baum e o escocês James Barrie constituíram padrões da literatura infantil por meio de narrativas diversas (CADEMARTORI, 2010).

Existem muitos tipos de contos, entre eles citamos: os contos de fadas, que é um tipo de história que apresenta personagens do folclore como dragões, elfos, anões e fadas, neles comumente aparecem os termos “era uma vez” e “um final feliz”. Já os contos de encantamento são caracterizados pelo sobrenatural e maravilhoso, com estórias de fadas e duende. Os contos maravilhosos falam sobre temática social, por exemplo o herói e o anti-herói, que é uma pessoa de origem simples ou passa por privações, porém triunfa ao conquistar riqueza e poder, esses contos têm origem oriental. Os contos de enigma ou mistério são contos que apresentam um conteúdo maior que os demais, pois têm informais iniciais que informa o leitor sobre o tempo e o espaço em ocorreu a narrativa. Esses contos apresentam um crime ou um mistério. Por fim, os contos jocosos que têm a intenção de provocar o riso, de divertir por meio da gozação e zombaria, sua narrativa gira em torno de algo engraçado, uma comédia.

Portanto, entende-se que a história dos contos, revela suas origens nas manifestações da tradição popular e todos os autores acima citados contribuíram para que houvesse uma ressignificação dos contos de fadas, uma vez que muitas dessas histórias eram marcadas pela pedofilia, incestos, insinuações sexuais, feitiçaria e até canibalismo. Por isso, é imprescindível compreender o momento histórico em que os contos surgiram.

Além da historicidade dos contos, na disciplina estudamos o quanto é importante a prática da leitura desde os primeiros anos de vida de uma criança, pois ler é fundamental para a construção de conhecimentos e a compreensão de mundo. Através da leitura, a criança passa a criar valores e assim tentar transformar seu ambiente de convívio. É importante nesse primeiro momento despertar na criança o interesse pela leitura, apresentando-lhes várias possibilidades de materiais didáticos e paradidáticos para o aprimoramento dessa prática e assim contribuir para seu aprendizado.

Se existe uma importância no ato de ler, os adultos têm, a função primordial de mediadores deste conhecimento, podendo utilizar-se da contação de histórias para estimular nas crianças a curiosidade, a imaginação, a criatividade, a escrita, a ampliação do vocabulário e a possibilidade de formar leitores críticos e

reflexivos. Porém, o que vemos nas práticas escolares é uma imposição por parte do adulto direcionando a narrativa que ele deseja contar e por outro lado, delimitam a compreensão da história por meio de fichas de leitura, provas e atividades que não exploram o poder criativo de uma criança.

As crianças são seres históricos e construtores do conhecimento e, desse modo, deve-se parar de tratar as crianças como meros receptores de informação. Abramovich (1983, p.15) traz em seu livro “O Estranho Mundo que se Conta às Crianças”, o quanto os adultos fazem controle sobre o modo que se ensina a literatura, de maneira que a criança fica em uma redoma de incertas, sendo subordinada a entender somente o que o adulto quer que ela entenda, sem a deixar transparecer seus conhecimentos daquela situação.

As narrativas, sejam elas contos, fábulas, lendas, mitos, etc, são histórias que aguçam na criança sua capacidade de usar a imaginação, dessa maneira, um modo de pensar no mundo, transformando-o em um mundo novo. Quando se concede a criança a liberdade de interpretar o que ela está sentindo ao escutar aquele conto, é lhe dado a capacidade de se reconhecer, de delinear o que é certo ou errado, o que é real ou imaginário.

Desse modo, subentende-se que os contos contribuem na construção da personalidade da criança. Abramovich (1983, p.39), traz as interpretações das crianças em várias histórias, buscando entender o que a criança compreende dos livros escritos para elas, de maneira que suas percepções vão além do que está exposto, conseguindo compreender criticamente tais leituras e fazendo-os reconhecimentos do que o chateia ou alegra, definindo sentimentos ao que está sendo lido.

METODOLOGIA

Este estudo é resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa que segundo Minayo (2002, p.21) “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” e que segundo Ludke & André (1986, p.18) “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Escolhemos a pesquisa bibliográfica, por tratar-se de um estudo inicial do tema, foi necessária a fundamentação teórica sobre a Literatura Infantil.

O lócus da pesquisa foi a Universidade Estadual do Ceará (UECE), na disciplina de Literatura Infantil, no ano de 2017, porém no semestre

de 2016.2, na turma da manhã que tinha quarenta licenciandos do curso de Pedagogia, mas apenas trinta participaram deste estudo.

Após estudo e discussão dos textos no decorrer das aulas sobre Literatura Infantil, o interesse sobre o tema só aumentou, surgindo o questionamento por parte dos licenciandos de Pedagogia: por que os contos tradicionais sofreram mudanças ao longo dos anos? A partir daí, a professora responsável pela disciplina neste semestre, entregou a cada licenciando do curso de Pedagogia um conto tradicional, iniciando por aqueles mais conhecidos para cada um.

Foram quinze contos pesquisados por trinta alunos, cada dupla ficou responsável pelo mesmo conto, a fim de aprofundar a pesquisa em diferentes fontes. Foram elencados os seguintes aspectos a serem pesquisados: origem, autores, momento histórico em que surgiu o conto, quais e quantas versões ele possuía. Além disso, todos precisavam trazer o conto impresso, para apresentar na sala de aula os aspectos encontrados, bem como fazer a leitura do conto original para os demais colegas, identificarem as semelhanças e diferenças que permeiavam com o seu imaginário e com a história que já era familiar. Foram três semanas para realização deste estudo. Nesse sentido, a narrativa sempre foi:

(...) uma tendência definidora do ser humano: da escrita rupestre entremeada de sons guturais à elaboração da linguagem narrativa, observamos que o homem conta a história de si mesmo e do mundo. A necessidade dos ancestrais de reunirem-se à volta do fogo para se guarnecerem do frio e das feras está acompanhada do pressentimento de que algo poderia ser revelado na fala do sacerdote. E, na atualidade, não é com outro pressentimento que o homem rodeia o aparelho de televisão, à espera de um sacerdote dessacralizado da mídia: todos aguardamos notícias, revelações, reconstruções de eventos, através das narrativas (GOMES; PEREIRA, 1992, p. 112).

A partir desta compreensão, em sala e já com as pesquisas realizadas, foram feitos dois círculos de histórias, utilizando as cadeiras uma de frente a outra para delimitação do espaço. Os estudantes ficavam em duplas, um de frente para outro, para compartilhar os achados da pesquisa e ler os contos para os colegas da dupla. Ao sinal, os estudantes de apenas um dos círculos tinham que trocar de lugar, formando uma nova dupla e iniciando um novo círculo de histórias. Após várias rodadas pelos círculos de histórias, os estudantes já tinham narrado e escutado todos os contos, foi feito uma grande roda de partilha, na qual os estudantes apontavam seus sentimentos diante das descobertas que fizeram sobre os contos que permearam seu imaginário da infância até a fase adulta.

A dinamização por meio dos círculos de histórias e posteriormente a partilha dos sentimentos, contribuiu com os princípios teóricos-

metodológicos que fomentam práticas sociais de dinamização de acervos literários que temos como estudantes, da infância até a fase adulta a qual nos encontramos, com vistas a assegurar o êxito do trabalho com a literatura como futuros professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Além disso, percebemos que a partir do acesso à literatura infantil, podemos trabalhar o direito ao desenvolvimento humano, à formação cultural e à inclusão social, considerando princípios cognitivos, estéticos e criativos da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada visou o compartilhamento de experiências, fruição literária, diálogos e leituras de mundo na ampliação da competência leitora por parte dos licenciandos de Pedagogia. Além disso, a pesquisa sobre os contos garantiu um tempo, espaço e recurso para a formação dos graduandos em literatura infantil, bem como na formação da competência leitora.

Dentre os contos pesquisados estavam: A Pequena Sereia, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, A Bela e a Fera, Bela Adormecida, A Rainha e a Neve, Alice no país das Maravilhas, Gato de Botas, Pequeno Polegar entre outros.

O conto A Pequena Sereia foi exposto por três licenciandos, com aspectos semelhantes entre eles, como: o autor, Hans Christian Andersen, que é um escritor dinamarquês conhecido pelas suas histórias infantis, o contexto histórico em que foi criado. Porém, um outro licenciando, conseguiu uma versão da Pequena Sereia, chamada A Sereiazinha, criada por Den Lille Havfrue em 1837, e pelas pesquisas realizadas, tratava-se da primeira versão do conto e que as versões da Pequena Sereia já foram um reconto de Hans Christian Andersen.

A narrativa A Sereiazinha, conta a história de que uma sereia fez um acordo com uma bruxa para se tornar humano, devido o amor que sentia por um príncipe. Para tornar-se humana ela teria o sofrimento como consequência, pois se não conseguisse o amor do príncipe, ela deveria matá-lo. Quando se torna humana, a sereia descobre que o príncipe já tem um outro amor, que era noivo e que iria se casar. A sereia comete o suicídio, por não ter coragem de cumprir o acordo feito com a bruxa em matar seu verdadeiro amor.

Outra história relatada e que causou espanto em relação a que os licenciandos conheciam foi a da Rapunzel. Este conto apareceu em duas versões dos Irmãos Grimm de 1812, e uma versão original de Giambattista Basile de 1637, intitulada como “Petrosinella”. Esta versão se diferencia da original em um aspecto: Rapunzel engravidou do príncipe e a *ogro* que a prendia descobriu o romance, jogou um

feitiço contra eles, os separando. Com o passar do tempo, os dois jovens conseguiram fugir da torre que aprisionava Rapunzel e se casaram com o consentimento do rei. Dessa forma, Azevedo (2001) aponta que o conto é a expressão da cultura popular e com o passar do tempo, houve uma aproximação entre o conto popular e a infância, sendo necessária as devidas adaptações, visto que os contos originais que pesquisamos, tinham outro contexto histórico e ainda não se tinha a noção das especificidades da criança e sua infância.

Foram apresentadas também duas versões sobre A Rainha da Neve, ao qual ficou conhecida na atualidade pela Disney como “Frozen”. As duas versões dos contos apresentados foi do autor Hans Christian Andersen e contaram a história de dois amigos muito próximos e um espelho mágico. Após a quebra deste espelho, um dos amigos começou a apresentar sentimentos ruins, mas o outro amigo fez uma busca incessante para retomar a amizade valiosa que eles tinham. Este conto já faz menção aos sentimentos das pessoas, trazendo a tona a discussão moralizante que muitos contos traziam para a sociedade e que ainda são utilizados com este propósito nas contações de histórias em sala de aula, por parte dos professores.

A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho possui uma realidade sombria, pois nela constam várias insinuações de atos sexuais, pedofilia, incesto, analisada inclusive no livro a Psicanálise dos Contos de Fadas do autor Bruno Bettelheim (1980). Na versão dos Irmãos Grimm, já adaptadas para leitura das crianças, Chapeuzinho Vermelho ganha a versão moralizante de que a criança que desobedece as ordens da mãe, poderá sofrer consequências como a personagem. A Bela Adormecida tem sua versão original escrita por Giambattista Basile (1634) e também passou por adaptação no ano de 1697 pelos Irmãos Grimm. Na versão original que foi pesquisada, após Bela adormecer, seu pai tem relações sexuais com a filha e esta engravida várias vezes e só acorda quando o último filho tira do seu dedo a farpa que causava o encantamento do sono profundo.

Os contos do Gato de Botas e do Pequeno Polegar, classificados por contos maravilhosos, foram criados segundos a pesquisas dos licenciandos por Charles Perrault. Conhecido pela sua habilidade em criar e recontar contos, as suas histórias são muito conhecidas. Tanto o conto do Pequeno Polegar quanto o conto do Gato de Botas apresentam a habilidade que é desenvolvida pelos indivíduos em situações de risco, a resiliência das personagens e a forma como seus papéis nas narrativas são essenciais para torná-la empolgante, pois aproxima o leitor a realidade vivenciada.

Dessa maneira, ao ouvir e contar os contos, nos proporcionamos ampliar nosso conhecimento e compreensão de mundo para além do que é visto. Aguçamos a curiosidade e oportunizamos a leitura, causando diversos sentimentos, empatia com as personagens e auxiliando o nosso processo de conhecimento do indivíduo e da forma como nos organizamos como sociedade. Nesse sentido, a literatura tem o intuito de informar os assuntos retratados nos contos de forma superficial, para que seja repassado de maneira mais equilibrada ao público que se destina, mas sem deixar de discutir os temas que fazem parte da realidade vivida pela sociedade, despertando a curiosidade do leitor juntamente com o gênero literário, assim causando envolvimento (ABRAMOVICH, 1997; AZEVEDO, 2001).

Diante de alguns dos contos apresentados na pesquisa dos licenciandos e da análise discutida nas aulas, destacamos que essa investigação evidenciou a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento do indivíduo e o quanto nós, futuros professores precisamos valorizar o ato de contar e ouvir histórias para as crianças, de diferentes gêneros, não apenas os contos. A pesquisa nos apresentou um aspecto preponderante na formação docente, que se refere ao repertório profissional que pode ser adquirido através da prática de contar histórias, de pesquisar sobre elas, o seu contexto histórico, o autor e que tudo isso deve ser acompanhado de uma reflexão sobre o caráter formativo, rompendo com o modelo de que trabalho com as histórias em sala de aula é apenas utilizado para passar o tempo ou para acalmar a criança após o recreio ou ainda para resolver uma ficha que nada diz sobre os sentimentos e a empatia que o ouvinte teve com a narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, no desenvolver deste estudo, traçar os aspectos sobre o processo histórico do universo infantil e dos contos de fadas e maravilhosos, bem como ressaltar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento do indivíduo em qualquer idade, permitindo a utilização da imaginação, ampliação do repertório cultural, compreensão do vivido e a socialização.

Acreditamos também que este estudo apresentou a possibilidade de sermos professores reflexivos e pesquisadores, pois a partir do momento que o rico universo dos contos desvelou-se com uma infinidade de aspectos que até então nos eram desconhecidos, compreendemos que o trabalho com a Literatura Infantil requer não à aplicabilidade de modelos e técnicas, mas, sim, considerar que existe

um arcabouço teórico e cultural que ampliam a prática desenvolvida pelos professores em sala de aula.

Dentro desta compreensão, vimos que a importância da disciplina de Literatura Infantil no curso de Pedagogia para a formação inicial do docente, uma vez que estes licenciandos, futuros professores, deverão planejar e tomar decisões que sustentarão as suas práticas pedagógicas e que tais saberes, teóricos e práticos, devem mobilizar a investigação da sua própria prática e, a partir dela, construir novos saberes, num processo contínuo que acontece no espaço individual e coletivo, tendo como finalidade o desenvolvimento pessoal e profissional em um processo permanente de ação/reflexão/ação que deve ser gerado no professor.

Conhecer a relevância da literatura por meio das narrativas de contos, nos permitiu pensar na importância da formação de leitores, nas condições de acolhimento no nosso campo de atuação, no caso a sala de aula, a partir do trabalho com a literatura em toda a sua complexidade e conhecimentos específicos, ou seja, ao ouvir e contar uma história, devemos ter a compreensão de que as narrativas literárias, sejam elas orais ou escritas, são produtos da cultura humana e formam sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fani. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo. Summus Editorial. P. 29- 62. 1983.
- ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo. Scipione, 1997 (Pensamento e ação no magistério).
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços**.
- CADEMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- GOMES, Núbia P.M e PEREIRA, Edimilson P. Mundo encaixado – Significação da cultura popular. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992. **Conto e reconto: Literatura e (re) criação** - <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2006/cr/index.htm>
- LUDKE, Menga; ANDRE, Marli ED. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Temas básicos de educação e ensino.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2002.

NARANJO, Javier. **Casa das Estrelas: O universo contado pelas crianças**. Editora Foz, 2013.

populares. Publicado in Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão - N°27 - mai/ jun 1999 e em Cadernos do Aplicação. Volume 14 Número 1/2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jan/Fev 2001.

SISTO, Celso. **Contar história. s, uma arte maior**. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). Memorial do proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007. pp. 39-41.

